

Rondon do Pará é aqui

Praça Central de Rondon do Pará, 10 de maio de 2005, domingo, 16:51 hs.

“Boa tarde, companheiras e companheiros. É uma satisfação muito grande nós estar promovendo esse Ato Cultural pela Reforma Agrária...”

Assim D. Joelma (Maria Joel Dias da Costa) iniciou sua “fala”, diante de uma multidão de mais de 2000 pessoas, sob um sol escaldante. Muitos trabalhadores rurais vindos do interior, alguns a horas de distância e também gente da cidade. D. Joelma, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rondon do Pará, município de 30.000 habitantes a 140 Kms de Marabá é viúva de Dezinho, ex-presidente do mesmo sindicato, assassinado em novembro de 2000. O assassino de Dezinho está preso desde então, pois Dezinho, mesmo atingido por 3 tiros em frente à sua casa, ainda lutou com o pistoleiro, caindo com ele numa vala. Os vizinhos acorreram e prenderam o assassino.

A multidão se comprime em frente ao palanque, querendo ver de perto as atrizes Camila Pitanga e Letícia Sabatella, que se deslocaram do Rio a Rondon para prestar solidariedade à luta dos trabalhadores rurais, por terra para trabalhar e por justiça – investigação, condenação e prisão dos mandantes dos assassinatos. “A paz é filha da justiça”, pode-se ler nas faixas e nas fitas nas cabeças de vários participantes.

Na semana anterior, D. Joelma e Frei Henri des Roziers – frade dominicano e advogado francês, morando no Sul do Pará desde 1978 – estiveram no Rio para receber o título de cidadão do estado do Rio de Janeiro, por iniciativa do deputado Alessandro Molon (PT). Fizeram conferências em 4 Universidades, com participações, em média, de 200 pessoas, deram entrevistas coletivas para a imprensa nacional e para a imprensa estrangeira, reuniram-se com advogados e promotores ligados à Justiça do Trabalho, com professores de Serviço Social da PUC e visitaram o GPTEC – Grupo de Pesquisa do Trabalho Escravo Contemporâneo – na UFRJ e estiveram com grupos que são solidários aos trabalhadores do sul paraense. E ainda sobrou um tempinho para D. Joelma conhecer o Aterro do Flamengo e o Outeiro da Glória. Este breve *tour* ajudou D. Joelma a refletir, na volta a Rondon, olhando a rua em frente à casa de sua filha: “Por quê o Rio de Janeiro tem tantas árvores e aqui tão poucas?”

O clima é de festa, com alternância de breves “falas” e música com artistas regionais, nem todos profissionais. A presença, no palanque, de Prefeitos e vereadores do próprio município e de municípios vizinhos e da Superintendente regional do INCRA, dão o tom de pluralidade ao evento. Falam também representantes da FETAGRI – Federação Estadual dos Trabalhadores na Agricultura, CPT – Comissão Pastoral da Terra, MST e muitos outros.

Pela manhã uma Comissão, com a participação de Letícia e Camila, representando o Movimento Humanos Direitos, um representante de Grupos Comunitários do Rio, o padre Ricardo Rezende, Frei Henri, D. Joelma, o advogado da CPT e da Federação dos Trabalhadores Rurais do Pará, que é assistente de acusação nos processos de apuração dos assassinatos dos sindicalistas, se reuniram com o Juiz e o promotor do Município. O objetivo era entender por quê, 4 anos decorridos da morte de Dezinho, estando o assassino preso, não havia ainda sido levado a julgamento. E também por quê continuavam foragidos os suspeitos de intermediação da contratação do pistoleiro. A Comissão solicitou, ainda, o desaforamento do processo, ou seja, que o julgamento seja realizado em Belém e não em Rondon ou Marabá. Dificilmente o júri teria a isenção necessária para o julgamento do caso na região, pois um dos suspeitos de mandante do crime é um poderoso fazendeiro da região, suposto proprietário de 130.000 ha de terra (estima-se que 90% desta terra seja grilada), cujas empresas respondem a mais de 500 demandas trabalhistas e que responde a processo por assassinato de trabalhador em uma de suas fazendas. O Juiz, recém transferido para a Comarca, mostrou firme disposição de acelerar o processo.

Ainda de manhã, em reunião no Sindicato, com representantes dos vários assentamentos, um deles – Jacundá – entregou ao representante da FETAGRI um relatório contendo as reivindicações da Comunidade – professores para a escola, estradas... – e um balanço da produção do ano anterior. A produção das 1000 famílias era de dar água na boca: milhares de sacos de milho, milhares de sacos de feijão, milhares de litros de leite, centenas de bezerros, milhares de suínos, aves,... e caixas de goiabas, pimenta do reino, milhares de melancias... Se fazem isto com tantas limitações, imaginem se tivessem mais crédito, equipamentos, assistência técnica, estradas, meios de transporte adequados...

D. Joelma e Frei Henry constam de 10 entre 10 listas de marcados para morrer. E, infelizmente, as listas das décadas de 80 e 90 de Rio Maria, município mais ao sul do Pará, foram cumpridas quase integralmente. Só a ampla divulgação da situação e o apoio de outras regiões do país e do exterior possibilitaram o julgamento de alguns dos matadores e, principalmente, de alguns dos mandantes, barrando, assim, a seqüência de assassinatos.

Seis e meia da tarde, as nuvens bloqueiam um pouco o sol, que vai se pondo no horizonte, na frente do palanque. Ninguém arreda pé. Fala Camila, fala e canta Letícia. Não puderam abraçar, dar autógrafos e se deixar fotografar com todos, como gostariam; para isso, seriam necessários alguns dias, mas todos entenderam o apelo emocionado: “Vamos proteger D. Joelma”!